

# O papel das expressões “com efeito” e “seja como for” na conexão textual

**Janice Helena Chaves Marinho**

Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG e professora associada da UFMG.

[jhcmr@uol.com.br](mailto:jhcmr@uol.com.br)

**Gustavo Ximenes Cunha (UFMG/CNPq)**

Doutorando em Estudos Linguísticos - UFMG.

[ximenescunha@yahoo.com.br](mailto:ximenescunha@yahoo.com.br)

## **Resumo**

Apresentamos neste artigo um estudo sobre o uso das expressões “com efeito” e “seja como for”, a partir da análise de um texto em que elas ocorrem, realizada com base no Modelo de Análise Modular do discurso (MAM). Inicialmente apresentamos o MAM e a forma como ele estuda as relações de discurso e suas marcas. Em seguida, analisamos o texto, focalizando trechos em que ocorrem essas expressões. Primeiro, estudamos o emprego das expressões; em seguida, estudamos as relações específicas que elas sinalizam, considerando suas propriedades sintáticas e semânticas e as funções pragmáticas dos seus diferentes usos em texto. Finalmente, expomos os resultados alcançados até o momento, que sustentam a hipótese de que essas expressões assumem no texto uma função conectiva.

**Palavras-chave:** expressão conectiva; relações de discurso; função conectiva; modelo de análise modular; organização discursiva.

## Introdução

Neste artigo, expomos um estudo sobre o uso das expressões “com efeito” e “seja como for”, investigando a hipótese de que elas funcionam como conectores ou articuladores do texto. Para evidenciar o papel dessas expressões como conectores, apresentamos a análise de um texto opinativo em que há a ocorrência dessas expressões. A análise foi realizada com base no Modelo de Análise Modular do discurso (MAM), modelo para o qual o estudo dos conectores deve estar integrado ao estudo global da complexidade da organização do discurso (ROULET, 2006).

Neste trabalho, apresentamos inicialmente o MAM e a forma como esse modelo estuda as relações de discurso e suas marcas. Em seguida, analisamos o texto selecionado, focalizando os trechos em que as relações estão marcadas pelas expressões “com efeito” e “seja como for”. Essa análise é feita em dois momentos. No primeiro, estudamos o emprego dessas expressões, a fim de identificar as relações genéricas marcadas por elas. No segundo, estudamos as relações específicas que essas expressões sinalizam. Consideramos nessa segunda etapa a necessidade de investigar suas propriedades sintáticas e semânticas, bem como as funções pragmáticas dos seus diferentes usos no discurso (justificação, explicação, causa, implicação/implicitação, reformulação, etc). Por fim, expomos os resultados que alcançamos até o momento, os quais sustentam nossa hipótese de que as expressões analisadas assumem uma função conectiva, atuando como marcas de relações de discurso argumentativas e reformulativas.

### 1 O Modelo de Análise Modular do discurso

O Modelo de Análise Modular desenvolveu-se, na Universidade de Genebra, sob a liderança de Eddy Roulet, com a proposta de ser um instrumento de análise eficaz para uma abordagem interacionista da complexidade da organização

discursiva. Ele consiste no resultado da interseção de diversos trabalhos de várias correntes de pesquisa.

Da obra de Bakhtin, o modelo buscou a concepção de discurso como interação verbal e lançou mão dos conceitos de dialogismo e polifonia, propostos pelo autor - indispensáveis para a compreensão da articulação do discurso. Da teoria apresentada pelo linguista americano Pike, buscou o conceito de estrutura hierárquica, que permite que se analise, num primeiro nível, toda forma de comportamento humano - quer se trate de um evento religioso, um texto como um sermão ou proposições independentes que constituem esse texto -, em um certo número de constituintes ligados por funções específicas, e que permite que cada um desses constituintes, por sua vez, possa ser analisado em constituintes de nível inferior e assim sucessivamente até se chegar às unidades do comportamento verbal, como o enunciado ou a palavra. Das reflexões filosóficas anglo-saxônicas, de Austin, Searle, Grice, buscou os conceitos de ilocutório e implícito, que contribuíram para uma mudança de paradigma nos estudos linguísticos. Nas pesquisas sociológicas americanas desenvolvidas por Goffman, Sacks e Schegloff, encontrou contribuições para analisar a interação face a face, em particular nas conversações, visando à descrição da articulação do discurso e à compreensão do papel do implícito na interação. As pesquisas sociolinguísticas aplicadas sobre os diversos tipos de conversações autênticas, de Sinclair e Coulthard, Stubbs, Labov, Henne e Rehbock, lhe valeram por integrarem as abordagens dos filósofos da linguagem e as dos sociólogos, bem como por contribuírem para sistematizar a estrutura dos diálogos e para a formulação de regras de encadeamento e de interpretação dos elementos do discurso. Da teoria da enunciação de Ducrot e Anscombre, que ultrapassou a descrição dos atos de linguagem isolados para estudar o encadeamento dos atos de linguagem no discurso, o modelo buscou o estudo dos conectores argumentativos que marcam esses encadeamentos (MARINHO, 2004; ROULET;

FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Considerando todos esses trabalhos, bem como buscando integrar e ultrapassar essas diferentes abordagens, a equipe genebrina desenvolveu o MAM, com uma concepção de discurso como um processo de negociação discursiva para o qual convergem informações linguísticas, textuais e situacionais.

O modelo consiste num instrumento de análise de textos e discursos, na medida em que oferece um quadro teórico e metodológico que permite a compreensão da complexidade e da heterogeneidade das atividades discursivas e, em consequência, a descrição, bem como a explicação dos diferentes aspectos da constituição e da articulação do discurso.

A hipótese inicialmente levantada é a de que um objeto que possui uma organização bastante complexa, como é o discurso, pode (e deve) ser decomposto num certo número de sistemas de informações simples e autônomos, que podem ser descritos num primeiro momento de maneira independente, ou seja, sem referência a outros sistemas de informações. O fato de esses sistemas serem descritos de maneira independente não significa, porém, que eles não se combinem na produção e na interpretação do discurso. As informações resultantes dessa descrição se combinam constantemente na constituição e no funcionamento do discurso. É essa combinação que vai permitir que o analista possa dar conta da complexidade dos discursos. Depois, num outro momento, passa-se à combinação das informações resultantes das análises de cada uma das estruturas, buscando-se superpor as diferentes informações resultantes da descrição inicial realizada.

Dessa forma, nessa abordagem, são inicialmente identificados os sistemas de informações elementares (subsistemas) ou módulos que entram na composição dos discursos - lexical, sintático, hierárquico, referencial e interacional. Postula-se que cada módulo fornece uma descrição do dispositivo de que trata a qual é nocionalmente independente dos outros módulos. Posteriormente, procura-se mostrar como as informações resultantes desses módulos se combinam, se

inter-relacionam na produção e na interpretação do discurso, descrevendo-se as formas de organização elementares (resultantes da combinação de informações modulares) e as formas de organização complexas.

## **2 A forma de organização relacional**

Segundo o MAM, o uso e o papel dos conectores na sinalização ou na determinação das relações discursivas são estudados na chamada Forma de Organização Relacional do discurso (FOR). A descrição da FOR se faz em duas etapas. A primeira se baseia na acoplagem entre (1) informações obtidas com a análise do texto do ponto de vista da dimensão hierárquica, ou seja, informações relativas à definição dos constituintes textuais e às relações de dependência, independência e interdependência entre os constituintes, e (2) informações de ordem lexical e sintática, relativas às instruções dadas pelos conectores presentes nos textos (ou que neles possam ser inseridos para a explicitação da relação textual). Com a análise dessa primeira etapa, torna-se possível a proposição de uma estrutura hierárquico-relacional para o texto, por meio da qual se descrevem as relações interativas genéricas entre os constituintes textuais e informações da memória discursiva<sup>1</sup>.

Essa primeira etapa de análise do texto, do ponto de vista de sua organização relacional, poderá ser completada, na segunda etapa, com a descrição das relações discursivas específicas. Essa descrição se faz com a aplicação de um princípio geral de cálculo inferencial, em função das propriedades linguísticas e contextuais de enunciados ou segmentos extraídos do texto, bem como das propriedades inferenciais dos conectores, as quais oferecem instruções sobre como tratar as informações por eles ligadas e sobre as implicações contextuais inferíveis dos segmentos linguísticos em que se encontram.

Na primeira etapa da análise, distinguem-se dois tipos de

<sup>1</sup> A memória discursiva pode ser definida como um conjunto de saberes compartilhados pelos interlocutores (BERRENDONNER, 1983).

relações textuais na organização relacional dos textos: as relações ilocucionárias (ou dialogais) e as interativas (ou monologais) (ROULET, 2006)<sup>2</sup>. As relações ilocucionárias concernem aos constituintes de uma troca - maior unidade dialogal -, enquanto as interativas dizem respeito aos constituintes da intervenção - maior unidade monologal.

Essas relações são definidas em um número reduzido de relações genéricas, para evitar, nas palavras de Roulet, o risco da proliferação de relações *ad hoc*. A hipótese do autor é a de que é possível definir um número restrito de relações, fundamentando-se em operações básicas requeridas para o alcance da completude dialógica, a qual estabelece que uma troca chega a seu fim quando os interlocutores alcançam o acordo e finalizam o processo de negociação discursiva, e da completude monológica, a qual estabelece que cada intervenção que constitui uma troca deve prover informação suficientemente relevante de modo a funcionar como contribuição adequada para o processo de negociação discursiva.

Assim, são definidas dez relações genéricas para a descrição de todas as formas de discurso, uma vez que cada categoria genérica recobre diferentes relações, como, por exemplo, a relação de argumento, que abrange as relações denominadas de causa, explicação, justificação, consequência, condição, finalidade, evidência, propósito, etc.

No nível da troca, definem-se as relações ilocucionárias (1) iniciativas e (2) reativas<sup>3</sup>. No nível da intervenção, definem-se as relações interativas de (1) argumento, (2) contra-argumento, (3) reformulação, (4) comentário, (5) topicalização, (6) sucessão, (7) preparação e (8) clarificação (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

As relações genéricas podem ser identificadas pela presença ou possibilidade de inserção de conectores ou expressões conectivas nos textos, assim como pela posição

<sup>2</sup> Roulet (2006) esclarece a origem do termo “interativas”, proposto em Roulet *et al* (1985) para caracterizar a relação entre atos e afirma que o termo “retóricas”, usado pela RST, seria mais apropriado.

<sup>3</sup> Como os textos que analisamos possuem a estrutura de uma intervenção, apenas as relações interativas se fazem interessantes para a análise desenvolvida neste trabalho.

dos constituintes textuais na estrutura hierárquica.

Os conectores empregados num texto explicitam ou determinam as relações interativas, além de oferecer indicações quanto à hierarquia dos constituintes por eles articulados. Os conectores são, então, definidos como marcas linguísticas que indicam ou determinam uma relação discursiva, que ocorre entre constituintes e informações da memória discursiva. Assim, a descrição da relação interativa genérica pode se basear na sua presença ou na possibilidade de que sejam inseridos no texto. As relações podem também ser descritas com base na estrutura hierárquica, que define as relações de dependência entre os constituintes textuais.

As indicações que mais frequentemente contribuem para a identificação das relações interativas estão expostas no seguinte quadro:

<b>Relações</b>	<b>Expressões conectivas ou posições dos constituintes</b>
Argumento	<i>porque, pois, visto que, uma vez que, devido a, se, então, portanto, de modo que, para que, a fim de, assim, daí, mesmo, por exemplo, aliás</i>
Contra-argumento	<i>mas, porém, entretanto, no entanto, contudo, todavia, embora, apesar de, mesmo que/se, ainda que, somente, só que</i>
Reformulação	<i>ou seja, ou melhor, enfim, finalmente, em suma, no final, afinal, em todo caso, de qualquer maneira, isto é</i>
Topicalização	<i>quanto a, no que se refere a, com relação a, ou o deslocamento à esquerda</i>
Comentário	Quando o constituinte subordinado sucede o principal
Preparação	Quando o constituinte subordinado precede o principal
Sucessão	<i>em seguida, depois (que), posteriormente, então</i>
Clarificação	Quando uma troca se subordina a um constituinte principal

Como postula o MAM, os conectores que explicitam uma relação argumentativa do tipo causal, explicativa, justificativa, condicional introduzem constituintes subordinados. Os que expressam uma relação argumentativa do tipo conclusiva ou consecutiva introduzem constituintes principais. Os conectores contra-argumentativos do tipo *mas* introduzem um constituinte principal e os do tipo *embora*, um constituinte subordinado. Os conectores reformulativos introduzem sempre constituintes principais e os de topicalização, constituintes subordinados.

A descrição da organização relacional de um texto contribui para a elucidação de sua interpretação e permite o alcance de seu perfil relacional, exposto em esquema arbóreo, que evidencia as relações textuais genéricas dominantes no interior de sua organização.

Como foi dito, o estudo das relações de discurso genéricas constitui a primeira etapa da análise da forma de organização relacional. Aprofundando esse estudo, a segunda etapa descreve as relações ilocucionárias e interativas específicas entre um constituinte textual e uma informação da memória discursiva. Essa descrição é importante, porque permite distinguir, por exemplo, as relações de argumento marcadas por conectores daquelas que não apresentam nenhuma marcação linguística ou uma relação de argumento marcada por *porque* de relações que são marcadas por *pois*, *portanto*, *aliás*, etc (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Na análise relacional, o estudo das especificidades de cada relação discursiva é feito com a aplicação de um cálculo inferencial, que se baseia em propriedades linguísticas, hierárquicas e referenciais dos constituintes do texto. Assim, formulamos uma ou duas premissas a partir de informações linguísticas, que são enriquecidas pelos referentes que saturam pronomes, expressões nominais e desinências verbais, como as instâncias agentivas que participam da interação e demais elementos dêiticos. Em seguida, formulamos uma outra premissa a partir da



informação lexical e gramatical do conector (a instrução oferecida por ele) e, finalmente, formulamos mais outra premissa a partir de informações de ordem referencial. A combinação dessas premissas conduz à interpretação da sequência analisada, bem como da atuação do conector (MARINHO, 2002; ROULET, 2003).

Feita a apresentação do quadro teórico em que se situa este trabalho, passamos à análise de um texto opinativo, focalizando nossa atenção nas expressões “com efeito” e “seja como for”.

### **3 Análise da forma de organização relacional do texto opinativo**

Neste item, procedemos à análise da forma de organização relacional de um texto opinativo, a fim de verificar a hipótese de que as expressões “com efeito” e “seja como for” constantes nesse texto funcionam como conectores, atuando, portanto, na marcação de relações de discurso. Nessa análise, realizamos, inicialmente, o estudo das relações de discurso genéricas marcadas por essas expressões. Posteriormente, desenvolveremos essa análise, estudando as propriedades sintáticas, pragmáticas e semânticas de “com efeito” e “seja como for”, a fim de calcular as relações específicas que essas expressões marcam.

Vale esclarecer que, como investigamos a hipótese de que “com efeito” e “seja como for” funcionam como expressões conectivas em textos, não exibindo essa função apenas no texto escolhido para análise, utilizamos ocorrências dessas expressões em outros textos, a título de ilustração, ao longo desta exposição.

#### **3.1 Relações de discurso genéricas**

Neste trabalho, analisamos as ocorrências de “com efeito” e “seja como for” presentes no texto opinativo “Realismo e disparate”, no qual o articulista se posiciona contrariamente

à manutenção da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). Como o foco deste trabalho é o estudo dessas expressões, vamos descrever, de maneira detalhada, apenas as intervenções em que elas ocorrem.

#### **Realismo e disparate<sup>4</sup>**

**(01) Na questão da CPMF, (02) repete-se a teoria do fato consumado, (03) como se a inércia fosse ato de responsabilidade pública**

(04) NINGUÉM governa sem a CPMF, (05) afirmou o presidente Lula em discurso de improviso nesta quarta-feira, (06) e lamentavelmente há uma dose de verdade no que ele diz. (07) **Com efeito**, seria hoje inviável para a administração federal renunciar às receitas da CPMF. (08) Isto não ocorre, entretanto, por acaso (09) - e a necessidade de manter uma alíquota elevada nesse tributo não se inscreve na ordem natural das coisas. (10) Como costuma acontecer na política brasileira, (11) toma-se a admissão de um fato consumado (12) como se fosse um sinal de maturidade e sensatez. (13) Não é de agora que o comodismo e a ausência de propostas surgem nos discursos oficiais (14) como sinal de seriedade administrativa e de invulgar vocação para enfrentar as amargas realidades da vida pública. (15) As antigas formulações em torno da “ética da responsabilidade”, (16) que nos tempos de Fernando Henrique Cardoso tantas vezes serviram para justificar a fisiologia política e o populismo cambial, (17) poderiam perfeitamente ser invocadas pelas atuais forças governistas. (18) Para aprovar a CPMF, (19) promove-se o loteamento emergencial de cargos na máquina pública, (20) acompanhado das homenagens devidas aos aliados de todas as horas: (21) desnecessário dizer que entre estes avulta, (22) reerguido das trevas de uma absolvição feita em sigilo, (23) a figura do senador Renan Calheiros. (24) Ninguém governa sem a CPMF, **com efeito**. (25) Uma vez que não se cogita de racionalizar a máquina administrativa, (26) de diminuir os gastos com funcionalismo, (27) de mudar as regras da Previdência, (28)

<sup>4</sup> Apresentamos o texto segmentado em atos, ou unidades textuais mínimas. Sobre a determinação das unidades mínimas de análise, indicamos a leitura de MARINHO (2007).

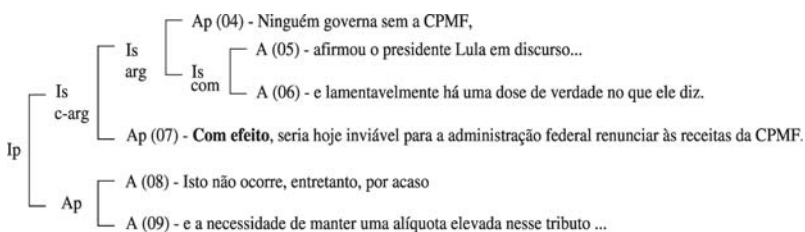
ou de empreender uma reforma tributária profunda no país, (29) prorrogar o prazo de uma contribuição sobre o cheque se torna prioridade incontornável para a sobrevivência do Estado. (30) Numa palavra, não se governa sem a CPMF (31) porque nem na situação, nem na oposição, há lideranças dispostas a governar de outro modo, (32) e a propor modificações reais numa estrutura tributária injusta, opressiva, arcaica e exasperadoramente complexa. (33) A CPMF possui características positivas: (34) é capaz de incidir sobre a economia informal (35) e funciona como um mecanismo auxiliar de controle à sonegação. (36) Bem diferente, contudo, é manter uma alíquota de 0,38% sobre movimentações financeiras, num país marcado simultaneamente pela altíssima carga tributária, pelo desperdício, pelo empreguismo e pela corrupção. (37) Não faltam sinais, sem dúvida, de que em última análise é tudo isto o que se pretende manter. (38) **Seja como for**, uma diminuição na alíquota da CPMF, (39) para nada dizer de iniciativas mais amplas de reforma do Estado e do sistema tributário, (40) não constitui ponto urgente nas negociações. (41) Afinal, segundo o ministro Guido Mantega (42) a CPMF não incomoda tanto: (43) “Se perguntarmos ao cidadão comum, (44) ele nem sabe o quanto paga desse imposto”. (45) Talvez não saiba. (46) Sabe cada vez mais, contudo, o quanto as autoridades brasileiras são capazes de comprazer-se na arrogância, no disparate e no cinismo. (47) Não governam sem isso, aliás.

Folha de S. Paulo, São Paulo. 21 set. 2007. Editoriais<sup>5</sup>.

No texto, há duas ocorrências de “com efeito”. A primeira delas exerce papel importante na articulação da intervenção formada pelos atos (04-09), cuja estrutura hierárquico-relacional apresenta esta configuração<sup>6</sup>:

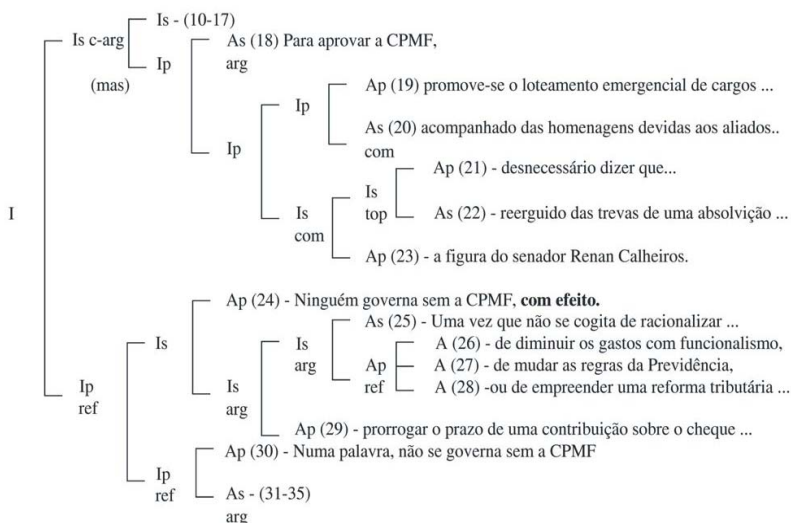
<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2109200701.htm>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

<sup>6</sup> Esta estrutura e as próximas se compõem das seguintes informações: ato = A ; intervenção = I ; principal = p ; subordinado = s ; argumento = arg. ; contra-argumento = c-arg. ; comentário = com. ; reformulação = ref. ; topicalização = top.



Essa estrutura mostra que “com efeito” introduz o ato principal (07), ligando-o às informações trazidas pela intervenção formada pelos atos (04-06). Mais especificamente, o articulista traz, nos atos (04-06), uma afirmação feita pelo então presidente Lula, que, segundo o autor, teria dito: “NINGUÉM governa sem a CPMF”. Para expressar que concorda com essa afirmação, o autor a subordina ao ato encabeçado por “com efeito”, dizendo: “**Com efeito**, seria hoje inviável para a administração federal renunciar às receitas da CPMF.” Nesse sentido, é possível perceber que “com efeito” atua na conexão de informações do texto, indicando que as informações se ligam por uma relação genérica de argumento.

A segunda ocorrência de “com efeito” tem um papel mais global na articulação do texto, porque atua na conexão de intervenções formadas por um conjunto maior de atos. A estrutura abaixo espelha essa interpretação:



Essa segunda ocorrência de “com efeito” parece exercer uma função diferente da que exerce a primeira. Na primeira ocorrência, a expressão marca uma relação de argumento, por meio da qual o articulista mostra concordar com a afirmação de Lula. Nessa segunda ocorrência, a intervenção introduzida por “com efeito”, que é usado ao final do ato (24), subordina retroativamente a intervenção (10-23), promovendo uma reinterpretação dessa intervenção. Com essa reinterpretação, o autor deixa claro, na intervenção (24-35), que a sua opinião a respeito da CPMF é claramente oposta à do então Presidente. Para o autor, não governam sem a CPMF aqueles que não estão dispostos a governar de outra forma, propondo “modificações reais numa estrutura tributária injusta, opressiva, arcaica e exasperadoramente complexa.” Porque marca essa reinterpretação, a segunda ocorrência de “com efeito” aponta para uma relação genérica de reformulação.

Em suma, nas duas ocorrências identificadas, a expressão “com efeito” exerce uma função na conexão de informações do texto, atuando na marcação das relações de argumento, quando inicia o segmento em que se encontra, ou de reformulação, quando o finaliza.

O papel de “com efeito” como expressão conectiva também pode ser verificado neste exemplo, retirado de uma notícia que trata da responsabilidade da empresa petroleira Chevron quanto a um vazamento de petróleo ocorrido na bacia de Campos:

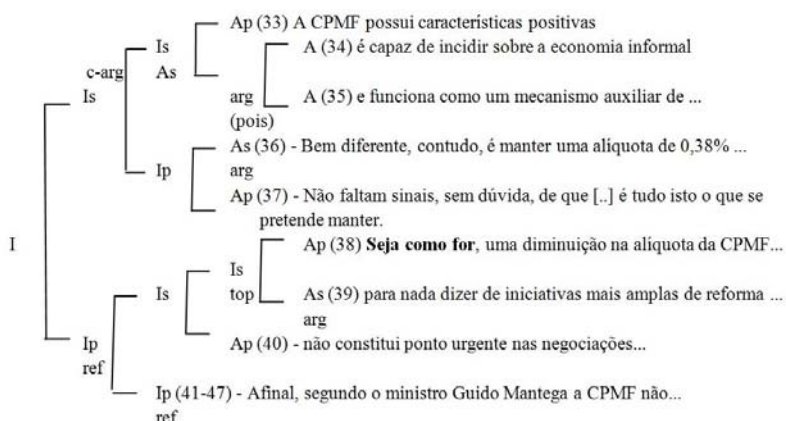
[O desembargador] Diefenthaele argumentou na sua decisão, concedida em 11 de abril, que a responsabilidade de punir a Chevron é da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) e não do Judiciário.

“**Com efeito**, a ANP, agência reguladora para o caso em questão, é quem detém a competência e conhecimento técnico para avaliar a melhor solução cabível, para evitar a ocorrência de acidentes da mesma natureza, bem como a sanção a ser aplicada às rés, sem prejuízo da apuração da responsabilidade inclusive criminal”, justificou o desembargador (LUNA, 2012)<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1077928-procuradoria-recorre-em-processo-contr-chevron.shtml>>. Acesso em : 31 mai. 2011.

À maneira da primeira ocorrência de “com efeito” no texto opinativo, nessa notícia a expressão sinaliza que a informação que introduz vai confirmar ou reforçar a informação já presente na memória discursiva, marcando, assim, uma relação de argumento.

Quanto à ocorrência da expressão “seja como for” no texto opinativo, ela atua na conexão das informações trazidas na intervenção (33-47), cuja estrutura pode ser esquematizada desta forma:



Na intervenção (33-37), que antecede a expressão “seja como for”, o autor traz vários argumentos para criticar a manutenção da CPMF. Com a intervenção (38-47), que é introduzida por “seja como for”, o autor informa que o então governo não estava aberto a negociar a CPMF e a sua alíquota, já que, segundo o jornalista, o Ministro da Fazenda teria dito que a CPMF não incomoda tanto o cidadão comum. Ao articular essas duas intervenções, o “seja como for” indica que, na intervenção que introduz, o autor vai reinterpretar o que havia dito na intervenção anterior, trazendo uma nova perspectiva. Nesse sentido, é como se essa expressão auxiliasse o articulista a defender que o governo não está disposto a considerar os argumentos contrários à CPMF. Ao marcar uma reinterpretação de informações expressas previamente, o “seja como for”, assim como a segunda ocorrência de

“com efeito” no texto, marca uma relação genérica de reformulação.

A expressão “seja como for” exerce função semelhante no texto opinativo “Violência e inércia”, cujo trecho expomos abaixo, que trata das propostas políticas de Ségolène Royal, pré-candidata à presidência da França nas eleições de 2007:

Boas ou ruins, as propostas [de Ségolène] fogem do padrão de achar que os jovens que cometem delitos o fazem só por falta de oportunidades. No Brasil, o enfoque dos “coitadinhos” se justifica mais que na França porque o país há muito deixou de ser a terra das oportunidades. **Seja como for**, o crescimento da violência pede, a gritos, idéias (*sic*) novas. As de Ségolène podem até ser ruins, mas são melhores que a inércia que se vê no Brasil, como se o problema fosse desaparecer se a gente não falar dele (ROSSI, 2006).

Nesse texto, assim como em “Realismo e disparate”, a expressão “seja como for” atua na marcação de uma relação de reformulação, porque indica que o autor realiza uma reinterpretação de informações previamente ativadas, analisando-as sob outra perspectiva.

### **3.2 Relações de discurso específicas e as propriedades das expressões conectivas**

Feita a análise das relações genéricas marcadas por “com efeito” e “seja como for”, esta parte do trabalho objetiva extrair as especificidades dessas relações e das expressões que as marcam. Como exposto anteriormente, o MAM propõe que o estudo das relações específicas se faça por meio da aplicação de um cálculo inferencial, o qual se realiza a partir das propriedades linguísticas e contextuais dos constituintes do texto envolvidos na relação de discurso e das propriedades do conector que porventura explicita essa relação. Como o foco deste trabalho são as expressões “com efeito” e “seja como for”,

a sequência deste item vai tratar de cada expressão separadamente. No trato de cada expressão, explicitamos, primeiro, as suas propriedades sintáticas, pragmáticas e semânticas e, depois, a forma como essas propriedades participam do cálculo da relação específica.

Para o estudo das expressões conectivas e levantamento de suas propriedades, baseamo-nos em Rossari (2000). Para que se possa levantar as propriedades dos conectores e dar conta do nível de sensibilidade de um conector numa relação de discurso, a autora recorre a uma representação dinâmica do discurso, no qual os encadeamentos são concebidos como **sucessões de operações**. Essas operações consistem em mudanças de estados de informação, que são representadas diferentemente, conforme as correntes teóricas: como procedimentos de enriquecimento da memória discursiva (Berrendonner); como procedimentos de seleção de contextos (Sperber e Wilson); ou como atualizações/modificações de estados de informação (Veltman).

Nesse modelo dinâmico do discurso, o conector não determina uma relação entre informações, mas entre operações de inserção de informações nos mundos. Os conectores sinalizam relações sendo, então, uma restrição entre operações de atualização/modificação de estados de informação. A operação realizada à direita do conector, ou seja, no contexto direito Y, deve ser possibilitada pela operação realizada à sua esquerda, no contexto esquerdo X.

### 3.2.1 Com efeito

Como vimos anteriormente, essa expressão pode ser usada na conexão de segmentos linguísticos. Ela pode estar tanto no início do segmento linguístico como no meio ou no final. A pausa, marcada por vírgulas, separa “com efeito” do restante do segmento.

Quando colocada no início de um segmento linguístico, essa expressão parece introduzir uma afirmação, no



segmento posterior (Y), que reforça algo trazido no segmento anterior (X). A operação de atualização de estados de informação que ela desencadeia seria a de **confirmação**. Essa operação consiste num processo em que a apreciação pelo locutor a propósito dos estados de coisas é colocada em relação. O segmento Y revela uma manifestação concreta da avaliação feita em X.

No entanto, quando usada no final do segmento, essa expressão parece apontar para uma relação reformulativa. Nesse caso, ela promoveria uma volta a uma formulação inicial.

NINGUÉM governa sem a CPMF, afirmou o presidente Lula em discurso de improviso nesta quarta-feira, e lamentavelmente há uma dose de verdade no que ele diz. **Com efeito**, seria hoje inviável para a administração federal renunciar às receitas da CPMF. [...] Para aprovar a CPMF, promove-se o loteamento emergencial de cargos na máquina pública, acompanhado das homenagens devidas aos aliados de todas as horas: desnecessário dizer que entre estes avulta, reerguido das trevas de uma absolvição feita em sigilo, a figura do senador Renan Calheiros. Ninguém governa sem a CPMF, **com efeito**. [...]

Mesmo que nesse exemplo se repita o que se disse (trecho sublinhado), não havendo, portanto, a retomada do que se disse com outras palavras, essa repetição pode ser interpretada como uma volta à afirmação de Lula numa perspectiva diferente, oposta àquela do articulista. Nesse segundo momento, a afirmação já foi enriquecida por uma série de argumentos, contra-argumentos, comentários, enfim, que provocam sua releitura ou sua revisão.

O quadro a seguir expõe sintetizadamente as propriedades levantadas com a análise de trechos em que ocorre a expressão “com efeito”<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> A pesquisa desenvolvida pela aluna de PIBIC (CNPq), Julia Ferreira Veado, contribuiu para a formulação desse quadro.

Propriedades/ conector	Com efeito
Sintáticas	Apresenta comportamento de expressão adverbial: forma fixa (invariável) que pode ser precedida por uma conjunção.
	Apresenta comportamento de conjunção: não aceita focalizadores de inclusão e de exclusão [ <i>só, até, inclusive</i> ].
Pragmáticas	Na forma “X, com efeito, Y” ou “X, com efeito, Y” [quando em posição inicial ou no interior do segmento linguístico], coloca em relação 2 proposições, promovendo uma atualização de estados de informação.
	Na forma “X, com efeito” [quando em posição final], parece indicar uma relação do tipo reformulativa [impõe uma releitura do segmento X].
Semânticas como o conector interage com o estado de informação	Modifica o estado de informação fornecido pelo contexto esquerdo por meio do reforço ou de reformulação de uma informação.
	Operação de confirmação  o enunciado Y introduzido pela expressão revela uma manifestação concreta da avaliação feita em X.
	Operação de revisão  o enunciado Y introduzido pela expressão permite uma modificação retroativa sobre os estados de informação em X

De posse das propriedades da expressão “com efeito”, é possível realizar o cálculo que permite depreender as relações específicas marcadas pelas duas ocorrências dessa expressão no texto “Realismo e disparate”. De acordo com o MAM, computa-se a relação específica usando-se um simples modelo de inferência que liga premissas a uma

conclusão. Esse método permite computar de maneira formal e indicativa todas as relações interativas específicas em discursos reais, combinando-se as informações linguísticas oferecidas pelos constituintes e pelos conectores com as informações contextuais.

Como vimos no estudo das relações genéricas, a primeira ocorrência de “com efeito” marca uma relação de argumento entre o ato (07) e as informações já ativadas pela intervenção (04-06). No quadro abaixo, esboçamos o cálculo inferencial por meio do qual se obtém a interpretação da relação específica marcada com o uso de “com efeito” nessa ocorrência.

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor (A) afirma ao leitor (L) que o presidente Lula, em discurso feito na quarta-feira anterior à publicação do texto, afirmou que ninguém governa sem a CPMF.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	A afirma a L que há uma dose de verdade na afirmação de Lula e que hoje seria inviável para a administração federal renunciar às receitas da CPMF.
Premissa 3	Informação lexical (instrução do <i>com efeito</i> )	Usa-se o conector <i>com efeito</i> para modificar o estado de informação fornecido pelo contexto esquerdo por meio do reforço/confirmação ou de reformulação/revisão de uma informação.
Premissa 4	Informação contextual	Dizer que há uma dose de verdade na afirmação de alguém é um argumento a favor dessa afirmação, ou seja, é confirmar essa afirmação.
Conclusão	Interpretação	A afirma a L que o presidente Lula, em discurso feito na quarta-feira anterior à publicação do texto, afirmou que ninguém governa sem a CPMF. Em seguida, confirma essa afirmação dizendo ao leitor que hoje seria inviável para a administração federal renunciar às receitas da CPMF.

Já na segunda ocorrência de “com efeito”, a expressão foi usada pra marcar uma relação genérica de reformulação entre a intervenção (24-35) e as informações previamente ativadas pela intervenção (10-23). A explicitação do cálculo inferencial que permite determinar a relação específica marcada por “com efeito” nessa segunda ocorrência é exposta no quadro abaixo.

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor (A) afirma ao leitor (L) que não é de agora o surgimento de comodismo e de ausência de propostas no discurso oficial.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	A afirma a L que, para aprovar a CPMF, o governo realiza manobras políticas, como o loteamento emergencial de cargos na máquina pública, acompanhado das homenagens aos que se tornam aliados do governo.
Premissa 3	Informação lexical (instrução do <i>com efeito</i> )	Usa-se o conector <i>com efeito</i> para modificar o estado de informação fornecido pelo contexto esquerdo por meio do reforço/confirmação ou de reformulação/revisão de uma informação.
Premissa 4	Informação contextual	Dizer, após confirmar a afirmação de Lula, que há comodismo e ausência de propostas no governo, além de loteamento de cargos e homenagens a aliados do governo é promover uma mudança de perspectiva em relação a essa afirmação.
Conclusão	Interpretação	A afirma a L que a aprovação da CPMF é prova de comodismo e de ausência de propostas do governo e que, para aprovar esse imposto, realizam-se diferentes manobras políticas - como o loteamento emergencial de cargos na máquina pública e homenagens aos que se tornam aliados do governo -, revendo sua afirmação anterior quanto à necessidade da CPMF para se governar.

As análises conduzidas até o momento são importantes por algumas razões. Em primeiro lugar, elas sustentam nossa hipótese inicial, segundo a qual “com efeito” atua no texto como expressão conectiva, ao ligar um constituinte textual a informações previamente estocadas na memória discursiva. Em segundo lugar, as análises apontam para a polifuncionalidade de uma mesma expressão conectiva. No texto em estudo, essa mesma expressão conectiva exerce duas funções diferentes. Na primeira ocorrência sinaliza uma relação específica de confirmação, ao passo que, na segunda, aponta para uma relação específica de revisão.

### 3.2.2 Seja como for

Essa expressão é encontrada em textos, sendo usada no início de um segmento linguístico, separada dele por vírgula. Do ponto de vista sintático, “seja como for” poderia ser analisada como uma oração subordinada adverbial concessiva, por ser introduzida por “seja”, uma conjunção concessiva, segundo várias de nossas gramáticas tradicionais.

Analisando o uso dessa expressão, consideramos que ela apresenta comportamento sintático não de uma oração, mas de um **conector**. Ela se comporta como uma expressão criadora de uma relação de reformulação à maneira de *anyway, after all*.

Segundo Roulet (1987), num artigo em que evidencia a importância da função interativa de reformulação na realização da completude do discurso, o conector reformulativo possui a propriedade de impor uma releitura do segmento X, indicando que o segmento Y tem por função reinterpretar o segmento X.

Rossari (1993), num estudo dedicado às operações de reformulação, define a reformulação como uma operação de mudança de perspectiva enunciativa que ocorre em função de uma reinterpretação do movimento discursivo antecedente. Ela também afirma que o reconhecimento de uma operação de reformulação passa efetivamente pela

presença de um marcador suscetível de desencadeá-la.

O termo reformulação é, assim, entendido como reinterpretação: a reformulação não traz apenas uma modificação quanto à forma, mas quanto à maneira como o locutor apreende a realidade evocada num ponto de vista, seguindo a perspectiva enunciativa escolhida. A reinterpretação causada por um conector reformulativo pode também se reportar a um ponto de vista que não tinha sido explicitado ainda.

Rossari (2000), ao elucidar o tipo das operações que o conector utiliza para produzir as relações de discurso, considera que os conectores reformulativos como *de toute façon* e *quoi qu'il en soit*, que têm a capacidade de ser **produtores** de relações de discurso, parecem conduzir a uma reinterpretação que põe em questão o valor retórico de X (sua orientação argumentativa, sua força ilocutória, seu efeito perlocucionário).

A autora defende que o mecanismo que desencadeia esse efeito de reinterpretação é o mecanismo de **revisão**, que conduz à modificação de um estado de informação não por meio do acréscimo de informação, mas por meio de sua subtração. Em outras palavras, depois de uma operação de atualização, desencadeada por um enunciado X, o conector e o enunciado Y desencadeiam uma operação que apaga mais ou menos diretamente essa última atualização.

Com base nesses conceitos, estudamos a expressão “seja como for”, analisando seu uso em textos, e depreendemos suas propriedades, expostas no quadro a seguir<sup>9</sup>.

Propriedades/ conector	Seja como for
Sintáticas	Apresenta comportamento de expressão adverbial: forma fixa, pode ser precedida por outra conjunção.
	Apresenta comportamento de conjunção: não apresenta mobilidade no interior da sentença que inicia; não aceita focalizadores de inclusão e de exclusão [ <i>só, até, inclusive</i> ]; pode iniciar respostas a perguntas específicas.

<sup>9</sup> As análises desenvolvidas por Almeida (2011) contribuíram para a elaboração desse quadro.

Propriedades/ conector	Seja como for
Pragmáticas	Marca uma relação de reformulação [impõe uma releitura do segmento X].
	Impõe uma relação não causal entre estados de coisas, ou seja, sinaliza para o fato de que entre X e Y não existe um elo causal.
	Impõe mudança de perspectiva.
Semânticas Como o conector interage com o estado de informação Operações de modificação dos estados de informação	Modifica o estado de informação fornecido pelo contexto esquerdo por meio da subtração de uma informação [apaga mais ou menos diretamente a última atualização desencadeada por X].
	Operação de revisão O enunciado Y introduzido pela expressão atualiza um estado de informação pela substituição, que consiste numa supressão seguida de uma nova atualização com a proposição contrária.

Levantadas as propriedades da expressão “seja como for”, passamos à análise da relação específica por ela marcada no texto “Realismo e disparate”.

A CPMF possui características positivas: é capaz de incidir sobre a economia informal e funciona como um mecanismo auxiliar de controle à sonegação. Bem diferente, contudo, é manter uma alíquota de 0,38% sobre movimentações financeiras, num país marcado simultaneamente pela altíssima carga tributária, pelo desperdício, pelo empreguismo e pela corrupção. Não faltam sinais, sem dúvida, de que em última análise é tudo isto o que se pretende manter. **Seja como for**, uma diminuição na alíquota da CPMF, para nada dizer de iniciativas mais amplas de reforma do Estado e do sistema tributário, não constitui ponto urgente nas negociações.

Nesse texto, essa expressão, que liga a intervenção (38-47) às informações ativadas pela intervenção (33-37), produz uma relação genérica de reformulação. Com o quadro abaixo buscamos esquematizar o cálculo inferencial que conduz à interpretação da atuação de “seja como for” nesse texto.

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor (A) afirma ao leitor (L) que a CPMF possui características positivas, embora a alíquota de 0,38% seja elevada, mas que não faltam sinais de que o governo pretende manter todos os problemas inerentes à CPMF.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	A afirma a L que o governo não tem urgência em negociar uma diminuição na alíquota da CPMF ou mesmo iniciativas mais amplas de reforma do Estado e do sistema tributário.
Premissa 3	Informação lexical (instrução do <i>seja como for</i> )	Usa-se <i>seja como for</i> para modificar o estado de informação fornecido pelo contexto esquerdo, por meio da supressão seguida de substituição e nova atualização com uma proposição contrária.
Premissa 4	Informação referencial	Dizer que iniciativas de reformas não são ponto urgente nas negociações do governo é substituir a afirmação anterior de que não faltam sinais de que o governo pretende manter todos os problemas inerentes à CPMF.
Conclusão	Interpretação	A suprime a afirmação de que não faltam sinais de que o governo pretende manter todos os problemas inerentes à CPMF e a substitui pela afirmação de que o governo não tem como ponto urgente negociar uma diminuição na alíquota da CPMF ou iniciativas mais amplas de reforma do Estado.

## Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos uma análise das expressões “com efeito” e “seja como for”, com a qual foi possível verificar que essas expressões exercem o papel de expressões conectivas do português. Com base no Modelo de Análise Modular do discurso, verificamos que essas expressões atuam na forma de organização relacional dos textos em que ocorrem. Na primeira etapa da análise da FOR,



constatamos que a expressão “com efeito” é polifuncional, podendo atuar na marcação de relações genéricas de argumento e de reformulação, enquanto a expressão “seja como for” marca uma relação de reformulação.

Ao aprofundar esse estudo investigando as relações específicas marcadas por essas expressões, foi possível identificar as propriedades sintáticas, pragmáticas e semânticas de “com efeito” e de “seja como for”. A identificação dessas propriedades possibilitou o cálculo inferencial que conduz à explicitação das relações específicas. Por meio desse cálculo, foi possível perceber que o “com efeito” pode auxiliar o produtor de um texto na confirmação ou na revisão de informações previamente estocadas na memória discursiva e que “seja como for” sinaliza que o autor do texto promove uma reinterpretação de informações já compartilhadas com o leitor, revisando-as, através da atualização de um estado de informação pela substituição.

## Referências

ALMEIDA, D. M. V. *Seja como for e seja como fuere: conectores? Uma análise do uso dessas expressões em artigos de opinião brasileiros e argentinos*. 2011. 117 f. Tese (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BERRENDONER, A. “Connecteurs pragmatiques” et anaphore. *Cahiers de linguistique française* 5, p. 215-246, 1983.

MARINHO, J. H. C. *O funcionamento discursivo do item “onde”*: uma abordagem modular. Belo Horizonte. 2002. 305 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. *Revista da Anpoll* 16, São Paulo, p. 75-100, jan./jun., 2004.

\_\_\_\_\_. A determinação da unidade textual mínima. In: MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (Orgs.). *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007, p. 39-50.

LUNA, D. Procuradoria recorre em processo contra Chevron. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 abr. 2012. Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1077928-procuradoria-recorre-em-processo-contr-chevron.shtml>> . Acesso em: 31 mai. 2011.

ROSSARI, C. *Les opérations de reformulation: analyse du processus et des marques dans une perspective contrastive français-italien*. Berne: Peter Lang, 1993.

\_\_\_\_\_. *Connecteurs et relations de discours: des liens entre cognition et signification*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2000.

ROSSI, C. Violência e inércia. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 7 jun. 2006. Caderno Opinião.

ROULET, E. Complétude interactive et connecteurs reformulateurs. *Cahiers de linguistique française* 8, p. 111-140, 1987.

\_\_\_\_\_. Une approche modulaire de la problématique des relations de discours. In: MARI, H. *et al. Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003, p. 149-178.

\_\_\_\_\_. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In: FISCHER, K. (Ed.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 115-131.

ROULET, E. *et al. L'articulation du discours en français contemporain*. Bern: Peter Lang, 1985.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

## The role of the brazilian expressions “com efeito” and “seja como for” in textual connection

### Abstract

In this paper we present a study about the use of the brazilian expressions “com efeito” and “seja como for”, based on the Geneva model of discourse organization. Initially we present that model and the way it studies both discourse relations and their markers. Then we analyze the text considering parts of it in which those expressions are found. For our analysis, firstly we focus on the use of those expressions; secondly we study the specific relations they point out, based on their syntactic and semantic features and also on pragmatic functions related to their use in text. Finally, we expose the results reached until now which support the hypothesis that those expressions assume a connective function in the text.

**Keywords:** connective expression; discourse relations; connective function; modular approach to discourse; discourse organization.

Recebido em: 14/5/2012

Aprovado em: 4/6/2012